

QUINTA-FEIRA
Lisboa--10 de Dezembro de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

230



sempre
fixe

TELE. SOL...
cenário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Entrevista com a "miss" de Santo Amaro



...que se desparou e em o tempo de um...
...pagava, pelo menos, 3 estampilhas de \$40, ou sejam 1\$20. Ora o sr. mete-
se num «electrico» e vai a Algés, dizer ao seu amigo tudo o que queria comunicar-lhe por escrito. Custando o bilhete \$95, ainda poupa
\$25, papel, tinta e cuspo para o selo. Que mais quere?!



Os ditos da semana



Ta-Hing ou Ta-Tching

Os chineses resolveram proclamar imperador da Manchuria o antigo imperador da China, que já lá tinham feito e posto de parte desde a proclamação da Republica no Celeste Imperio. Aquilo não dava trabalho nem despeza. Era só enfiar-lhe novamente a corôa na cabeça e assentá-lo no trono.

Propunham-se os chineses aclamá-lo com o nome de Ta-Tching, que em lingua amarela quer dizer: «Grande Pureza», mas salta de lá o Japão e opõe-se, não a que o antigo imperador de toda a China, impere agora numa parte dela, mas a que se chame Ta-Tching. Para que o Japão se não oponha, o novo-velho imperador tem de chamar-se simplesmente Ta-Hing «Grande Esplendor».

Trabalham as chancelarias, uma por Ta-Hing, outra por Ta-Tching.

E a paz do mundo está dependente deste transcendente problema.

Ta-Hing, ou Ta-Tching?

Quando a China fala de Ta-Tching, o Japão abana as orelhas e impõe Ta-Hing. E os animos exaltam-se e as tropas vão-se batendo e vão morrendo—sem que haja guerra todavia, é claro.

Quando o Japão atira com o seu Ta-Hing, a China irrita-se e, sentindo já a mostarda a chegar-lhe ao nariz, espirra:

—Ta-Tching, Ta-Tching, Ta-Tching, irra, já o disse e já o espirrei.

Parece uma constipação...



Calabria Este mundo é uma Calabria. Os malfeitores campeiam e dominam. Quem, na sexta-feira passada abrisse diante de si a primeira pagina do nosso estimado colega da grande informação, «Diário de Noticias» logo se convenceria da verdade da nossa afirmação. Basta lêr:

O banitismo na Corsega

AJAÉCIO, 3—Foi recapturado o bandido Cardella, que o ser chefe Bartoli libertara, em Abril ultimo, depois de ter assassinado dois gendarmes.

Depois era a notícia de

Um Torquemada moderno

Cabo de carabineiros, Miguel Carnajal, que, encerrando-se em casa com a familia, largou fogo aos moveis que empilhara uns sob os outros e atirou com a mulher e uma

filha de trez anos para a fogueira suicidando-se em seguida.

Vai vendo, leitor amigo. Em seguida vem a

Odisseia de um rapaz correcional

com dezasseis anos que foje dum casa de correção, descendo pelo muro da cerca agarrado a um fragil cordel que se partiu e o deixou feito num feixe cá em baixo, e vem a acabar esmagado debaixo do tecto de uma gruta onde se refugiara.

E ainda ha mais.

A' maneira de Al Capone

é o caso de trez individuos armados de pistola que entra-

ram na estação central dos Caminhos de Ferro do Norte, em San Sebastian, tentando apoderar-se das receitas e que acabaram por assassinar o empregado Demetrio Caynela que procurava evitar o roubo.

E no fim de tudo a campanha

Contra o alfabetismo

Porto Covo continua sem e' cola

porque um milionario não cede nem aluga uma casa, negando-se sistematicamente a receber as autoridades que o procuram para solucionar o assunto.

Apre! Sempre está muito ruiu a gentinha do nosso tempo.

Safa! Usga-te!...

Dr. Antonio da Fonseca



Uma intelligencia grande num corpo pequeno. A diplomacia ao serviço da Junta do Crédito Publico.

Anuncios Desta vez não recorreremos ao nosso fornecedor habitual. Fornece-nos hoje materia prima o «Noticias do Porto».

Ave

Fugiu. Gratifica-se a quem entregar na rua do Heroismo, 122,

O «Sempre Fixe que é o jornal mais bem informado e mais amavel do mundo, prescindindo da gratificação, mas não deixa por isso de prestar ao inconsolavel anunciante as informações necessarias, para reaver o passarinho. E assim dir-lhe-hemos: A ave que lhe fugiu vimo-la ontem, nas arvores do Camões, chitreado alegremente com as outras. Vimo-la tambem no Jardim Zoologico, na jaula das galinhas, na gaiola das aguias, no viveiro dos passarinhos e no poleiro das araras. E igualmente a vimos num bando de perús que vinha de Loures para a matança do Natal e tivemos o prazer de a descortinar entre as pombas do Rocío e do Terreiro do Paço. Tambem a avistamos no Cais das Colunas, sob a forma de gavota, e na Praça da Figueira desfarçada de borracho já depenado. E se não lh'a mandamos já hoje, em encomenda registadada, é porque nos falta um pormenor indispensavel.

E' preciso que o inconsolavel anunciante nos mande urgentemente dizer qual daquelas aves é o seu inteliz passarinho, porque nenhum dos que vimos trazia letreiro, por onde se pudesse concluir que fosse a fugitiva da Rua do Heroismo 122.

Mas que avens, como se diz lá para o Norte...



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26500
	Semestre:	13500
	Trimestre:	6550
Colonias portuguezas...	Semestre:	15500
	Ano:	30500
Estrangeiro.....	Ano:	34500

N. B.—O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

Humorismo provinciano

Em certa terra da provincia, lá p'ás bandas da Régua, existiu e existe ainda uma figura original, de mascara carnavalesca, de quem se contam façanhas de grande expressão humorística.

Tobias Lopes, assim se chama esse heroi réguese, foi educado para padre. Sua mãe, pessoa humilde e olhos atirados sempre para o céu, ficou, porém, seriamente maguada quando o filho, fugindo do seminário, lhe apareceu em casa, dizendo que queria ser funileiro.

Aos vinte anos, Tobias Lopes tinha conquistado a categoria de imperador do ridiculo. Pelo que dizia, mais, por tudo quanto fazia, era bem um desses tipos que receberam do Destino a obrigação de fazerem rebentar de riso o seu semelhante.

Em todo o concelho da Régua falava-se e fala-se hoje ainda daquela assombrosa atitude de Tobias Lopes, quando resolveu atingir o cumulo da velocidade, da maneira que vamos revelar:

Em casa de Tobias Lopes havia a necessidade urgente da presença do tio Saldanha, que habitava no Porto. Tratava-se de um assunto de familia, deveras melindroso, no qual tinha profunda interferencia aquele illustre cavalleiro. E, resolvida a sua inadiavel comparencia, ele foi chamado sem perda de tempo.

— Vai deitar este telegrama para teu tio...

Recebida esta ordem de sua mãe, acompanhada de uma nota de vinte escudos, Tobias Lopes partiu para o correio Meia hora depois, regressava.

— O troco do telegrama? — perguntou a mãe.

— Não tenho...

— Como? O telegrama custou vinte escudos?

— Não...

— Mas que succedeu?

E o Tobias explicou:

— Como a mãe disse que era muito necessaria a presença do tio... para o telegrama ir mais depressa, deitei-o com os vinte escudos na caixa do correio...

PONCIO PILATOS.

Dr. Salema Coutinho



Um juiz de Direito — «ás direitas!»

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Quentes e boas!



Uma ingenuidade

A vida era sã lá na aldeia. Os ruidos da cidade, com o grande cortejo de ambições, não haviam chegado áquella pobre gente, que vivia, como se diz-se, como Deus com os anjos.

Aspirações poucas ou nenhuma, além dum pedaço de chão para cultivar e um pouco de trigo para fazer pão. E com essa falta de aspirações vinha, consequentemente, uma extraordinaria fé no Creador, em quem os habitantes do lugar confiavam cegamente.

Entre a gente lá do lugar contava-se o Joaquim da Bonifacia. Bom velho e bom trabalhador, vivia tranquilo, sem preocupações de maior, mas com uma inexcedivel fé religiosa.

Deus, porém, não parecia querer protegê-lo muito, por isso que ao pobre faltou muita vez farinha para meter no forno. Mas, confiado na protecção divina, o bom do Joaquim da Bonifacia, muito em segredo, entregou a sua vida, que não corria bem, á protecção de Deus.

Naquella tarde, entre as cartas de endereço incompleto, um empregado dos correios tinha encontrado uma que dizia apenas no envelope: «Para Nosso Senhor Jesus Cristo».

Causou o caso estranheza e o grupo de telegrafo-postais que compunha a estação resolveu abri-la. Dizia assim:

«Meu querido e amado Nosso Senhor: — Aqui na aldeia vivo chelo de sacrificios, apesar duma extraordinaria fé em vós. Não me arrependo dessa fé, porque sei que

sofrer na terra vale ganhar o reino dos céus.

Meu amado Senhor: o ano foi mau. E na minha casa entrará a fome se eu não conseguir arranjar quinhentos mil réis para pagar umas dividas que tenho. Peço, pois, ao meu amado Nosso Senhor que me dispense esse dinheiro.

Beija-lhe as mãos o Joaquim da Bonifacia.»

Os empregados dos correios acharam certa graça á ingenuidade do pobre e resolveram entre si cotizar-se.

O certo é que não conseguiram arranjar quinhentos mil réis. As dificuldades com que também lutavam apenas permitiram que conseguissem trezentos e cincoenta mil réis.

Depois... Depois meteram o dinheiro num envelope e endereçaram-no ao Joaquim da Bonifacia, da «parte de Nosso Senhor Jesus Cristo».

Os tempos correram. Até que um dia aparece nova carta, dirigida como a primeira. Abriram. Leram. Dizia assim:

«Meu amado Senhor: Muito e muito obrigado pelo favor.

A minha vida não mudou, quer na fé, quer nas necessidades.

Não pretendo abusar do meu amado Nosso Senhor... mas peço-lhe mais trezentos mil réis, para que a familia não passe fome.

E o que eu pedia a Deus Nosso Senhor é que não mandasse o dinheiro por intermedio dos correios, porque da outra vez roubaram-me cento e cincoenta mil réis. — Joaquim da Bonifacia.»

Tableau!



Amor de estudante:
— Al Joaquim! eu amo-te; mas jurá-me que estás ainda para!

Graça dos outros

Logica infantil:

A mãe: — Não esqueças que o teu anjo da guarda está sempre detraz de ti!

O pequenito: — Agora é impossível, mamã, porque estou encostado á parede!...

No antiquario:

O freguês: — Então você quer por um quadro sem assinatura, cinco contos de réis?!

O patrão: — Se quere, eu assino-o, mas a assinatura é um preço á parte...

Na aula:

O professor: — O que é uma ilha?

O aluno: — Um bocadinho do fundo do mar que vem á superficie da agua!...

Entre amigos:

— O tabaco é a ruina! Se tu não fumasses durante dez anos, economisavas o bastante para comprar um automovel!

— E tu, que não fumas, porque não o tens?

Na clinica:

O medico: — E' necessario que o senhor faça muito exercicio, muitas flexões, muito movimento. Em que se occupa?

O doente: — Sou acrobata de circo!...

O petiz: — Mamã! O Alfredo esteve a beijar a minha irmã!

A mãe: — Não faz mal. Vão-se casar no domingo!

O petiz: — Então, quando é que o papá se casa com a criada?

Entre pais:

— Então, está tudo acabado? Disseste a teu filho que o desherdavas se casasse com essa mulher?

— Não, disse a ela!...

Ela: — Não insista! Nunca enganei o meu marido!

Ele: — Eu a julgar que já estava ha mais tempo casada?!...

Na repartição:

— Se o meu chefe não retira as palavras que me disse, abandono o emprego!

— Que palavras foram essas?

— Que eu estava despedido!

No consultorio medico:

O doutor: — Então de que se queixa?

O paciente: — Já não me lembra! Ha três horas que estou á espera de vez para entrar!...

Ele: — Mas porque adia você outra vez a data do nosso casamento? Seus irmãos gostam muito de mim e sua mamã dispensa-me uma calorosa simpatia...

Ela: — Pois então case-me com a minha mamã!...

Duma vez, perguntaram á um ancão de 96 anos:

— A que attribuo v. ex. e sua avançada idade?

— Ao facto de ter nascido em 1935!...

Elevador da Gloria

Entre amigas:
 — Surpreendi meu marido abraçado à criada! Para lhe perdoar, obriguel-o a ir comprar-me um casaco!
 — E despediste a criada?
 — Não! Ainda preciso duns sapatos e dum chapéu!...

O pai: — Ou te casas com um medico ou com um banqueiro. Escolhe!
 A filha: — Então, isso é a bolsa ou a vida, papá?

Entre pais:
 — O teu filho gosta muito de piano?
 — Nem por isso! Mandei-o aprender a tocar para não roer as uhas...

A mulher: — João, acorda! Acorda!
 O marido: — Imbecil, deixa-me dormir!
 A mulher: — Acordei-te para tomares o remedio contra a insomnia!

Entre amigas:
 Joana: — Acho-o muito interessante! Disse-me coisas que nunca ninguém me tinha dito!
 Maria: — O quê, pôde-te a mão?

Na caça:
 Ele: — Deixaste escapar outro coelho! Decididamente tu és uma má atiradora!
 Ela: — Não dizias isso se me tivesse visto disparar contra o meu primeiro marido!

Num restaurant:
 O primeiro: — Não gosto de comer muito!
 O segundo: — Porquê?
 O primeiro: — Porque já reparei que a comida me tira o appetito...

Num escritorio:
 O miope: — Perdi os meus papéis!
 A dactilografista: — E porque não os procura?
 O miope: — Não posso encontrar não os achar!...

O amigo do medico: — E como te arranjas para cobrar as contas?
 O medico: — A minha especialidade são as sooras. Quando as curo, são as filhas que pagam, quando morrem são os genros!...

João: — Estou convencido de que a estupidez é uma coisa hereditaria!
 António: — Cala a boca, rapaz! Não ofendas os teus pais!...

Entre amigas:
 — O meu marido negou-me ontem comprar um colar de dez contos!
 — E ainda se estranha que haja tantos divorcios!...

O polista de transito: — Vou multá-lo! O senhor não lá, a menos que se apresente a hora!
 O cobrador: — Impossível! Como pôde ser isso, se apenas ha um quarto de hora sai da garage?



— Então pedi-lhe tinta da China e dá-me tinta vermelha!
 — E' que eles agora só a fabricam dessa cor!

A retalho...

Leitor assiduo dos pequenos jornais, tarefa de que não nos arrependemos ainda, deparámos ha dias, em um deles, com uma crónica assinada por um tal «Zé Patrício» e da qual respigamos o seguinte «precioso» pedaço:

«Habitó neste momento, por habitó, um mundo desconhecido e tragico. Falam, nesse mundo, as pedras, as arvores, a terra, os corpos inanimados, tudo e todos. Falam, doridamente, soluçando a sua tragedia. Todos falam, mas não ouço ninguém, embora pareça um paradoxo. E' que são mortos. E os mortos, meus poucos leitores, morbidos como eu, no abandono dos cemiterios, tem falas honrosas, como as da Severa, pouco percebidas, tem egares híbridos. O cipreste, ai os malditos, tombando a sombra para os covais, contam historias macabras.»

«A rocha é amanhã terra; a terra, uma vez criada, desenvolve os corpos depois de nos dar hortaliza. O' almas que atravessais o ledó da existencia, amarradas ao crime, á superstição, ao vicio, a todas as protervias, vinde viver comigo no mundo imenso do Pensamento. Para cada corpo ha uma cora ou um jazigo. Os reptis, os animais, as peras, como o homem, também são enterrados.»

Etc., etc.

Mourinho Lopes, funcionario do Matadeuro, manda chamar o medico da sua associação para lhe ver a mulher, que adoccera, com certa gravidade:

— Meu caro doutor, que tal acha minha mulher?

— Francamente, sr. Mourinho, não me agrada nada.

— Nem a mim, sr. doutor, e já a vejo ha 35 anos!

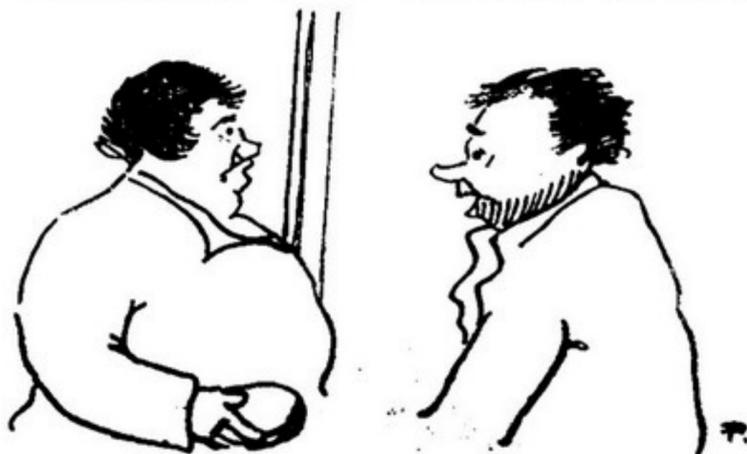
Um conselho pratico para renovar cadeiras velhas de verga ou de cana:

Quando as mesmas cadeiras não estiverem quebradas de todo, mas apenas desconjuntadas ou tortas, como a nossa avó torta, podem endireitar-se se as lavarmos em agua fria ou banho-Maria, misturando-se seda em pequena proporção. Deixam-se secar, na Costa do Sol ou na Costa de Caparica, ou em qualquer outro local onde exista uma forte corrente de ar, ou ainda sobre uma fogueira. No caso de qualquer destas receitas não der resultado, repete-se, por uma ou mais vezes, o mesmo banho. Se ainda não se obtiver resultado, quebram-se as cadeiras nas costas do parente mais proximo — que pode ser a consorte — e semeiam-se as canas para nova colheita, se houver autorização dos chefes de serviço da campanha de produção agricola.

Um socio do Sindicato da Pequena Imprensa, relatando, para o seu jornal na provincia, a morte de uma menina, socia do Gráfico do Minho:

«A morte, na senda exterminadora da sua missão sinistra, acaba de arrebatat do numero dos vices mais um ente, cujas primiosas qualidades de alma não serviram de barreira á acção implacavel dessa Parca maldita que espregita a todo o momento a vida para no-la esfacelar com as garras aduncas da sua tetrica e hedionda crueldade.»

Esta vez, a maldita ceifeira de tantas vidas preciosas escolheu, caprichosamente, para sua vitima, a menina!...



— E' verdade que não pôde trabalhar porque não vê bem?
 — Sim, eu vejo perfeitamente esse não, o que não vejo é nada dentro dele.

Resposta a tempo

A causa era importante. Tratava-se dum crime de roubo praticado pelo tesoureiro duma associação, com prejuizo manifesto daqueles que, confiadamente, lhe haviam entregado as suas economias.

O caso fôra, durante largo tempo, assunto obrigado de conversas.

Uns defendiam o arguido, justificando quasi o roubo; outros, mais ciosos da honestidade, condenavam o tesoureiro com todas as forças das suas almas.

Por isso, quando se annunciou o julgamento, a cidade rejubilou.

Rehabilitar-se-ia o tesoureiro? Sofreria o castigo?

Andavam estas perguntas no ar e cada qual, procurando defender ou agravar a situação do acusado, buscava os melhores argumentos.

O queixoso conseguiu para seu patrono um advogado distintissimo, com um grande nome. A associação queixosa, por sua vez, procurara um outro advogado não menos distinto e com o seu nome também firmado em causas importantes.

Falou o réu; falaram o juiz, os advogados de acusação e de defesa e o delegado do ministerio publico.

Depois, como era natural em causa de tal natureza, iniciaram-se os debates.

O patrono do réu, puxando a braza á sua sardinha, como se diz-se, fez um daqueles discursos de espavento que faria chorar as pedrinhas da calçada.

A certa altura do discurso, o advogado da associação, interrompendo-o, disse, um tanto enervado:

— Ora! Ora!... V. ex.ª dá uma no cravo e outra na ferradura!...

Resposta do outro, sem se desconcertar:

— Pudera! Se v. ex.ª não está com os pés quietos!

Alfredo Casanova



O nosso amigo Casanova é uma velha «cara direita», a quem os rapazes dos jornais muito querem — e com razão. Porque este velho jornalista — que tem representado Portugal em Hamburgo, se como amigo é do melhor que ha, como conselheiro é uma «consolação». Foi por estas e por outras que os jornalistas que foram a Hamburgo lhe ofereceram agora um almoco no Palacio do Estoril.

Cacharollete

*Discute o pai com a mãe,
fala o irmão com a mana,
de carne do continente
e mais da carne angolana.*

Pr' causa da rabadilha,
do lombo e mais do assén
numa grande exaltação,
discute o pai com a mãe.
Depois de lêr as notícias
sobre a tal carne africana,
que dizem ser detestável,
fala o irmão com a mana,
que lhe afirma, com calor,
e lhe explica largamente
as razões da preferência
da carne do continente.
Muitos mistérios existem,
ó rapazes dumã cana,
nisto da carne de cá
e mais da carne angolana.

O HOMEM DOS TIMBALES.

(P'ra quem não compreender
o que em suma quer dizer
este termo duma cana,
eu direi sem ironia:

é a *Semanoménia*
... ou mania da semana.
E dada esta explicação,
vamos ao caso em questão...)

Como o tempo vai bicudo,
e para a gente reinar,
lembraram-se de inventar
uma semana de tudo.

Dantes era diferente
o outro galo nos cantava:
para o silencio bastava
um *minuto* simplesmente.

P'ra marcar o fim da vida,
por nossa boa ou má sorte,
criou-se a *hora* da morte,
que às vezes é bem comprida.

Para comemoração
de algum santo no seu templo,
era um *dia*. Por exemplo:
o dia de S. João.

Para o pagode e folias
do velho Entrudo galeiro,
como dura o ano inteiro,
destinaram-lhe *três dias*.

Hoje vai tudo às *semanas*:
além da Semana Santa,
há tanta semana, tanta,
que só falta... a das bananas!...

Com varias razões de peso,
proponho por minha vez
que se passe agora ao *mês*
e se faça o «Mês do Tesor».

E p'ra evitar que mais vezes
nos venha a *nota* a faltar,
que esse mês possa durar
toda a vida e mais seis meses...

ANTONIO AMARGO.



—O que me dá de conselho pa-
ra conservar o cabelo?
—Compre uma medalha...

Quereis dinheiro ?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

Traição

Segunda-feira passada, encon-
trei o Silva, açodadíssimo e com
o volume duma pistola na alibeira
posterior. Mal nos abraçamos,
como velhos amigos que somos,
disparou-me esta:

—Acabo de saber que minha
mulher me engana!!!

—Isso é engano, com certeza...

—Pois é; não tenho duvidas!

—Oh, homem! Logo depois do
almoço, deve ser bastante indig-
esto! — disse, para lhe aplacar a
dór.

—Acredito — tornou ele — mas
nem assim deixo de procurar o
autor da... indigestão! Matá-lo-ei
como a um cão! ão...

E mostrou-me, além da boa von-
tade, uma «F. N.» em tão bom es-
tado... que até cheirava a cada-
veres...

—Silva! — atalhei, com aquela
velha ideia de detestar agressões.

—Silvinha: guarda essa parodia e
o génio para melhor oportunida-
de. Lembra-te de que ainda há
bem pouco tempo sou teu amigo
de infancia e escuta os meus con-
selhos:

«Todos nós — mais Silva menos
Silva — somos traidos e traidores.
Isto é profundamente filosofico!
O politico «atraição a causa». A
causa não na conheço, mas o efei-
to é a «tournee» colonial no pri-
meiro ensejo. Nessa altura diz o
politico que foi traçoiramente
delatado (aquilo é que é lata!).

«O banqueiro atração o clien-
te, recebendo-lhe a «massa» para
falir. Mas é também atraçoado
por certa *coupletista* espanhola e,
possivelmente, com o mesmo
cliente.

«A cosinheira dos Sousas atra-
ção estes, manipulando na sua co-
sinha o rancho do 60 do 1.º. O 60
«manipula» a menina Rosa do
rez-do-chão, atraçoando, assim, a
cosinheira dos Sousas.

«E tu, meu caro, aqui para a
posteridade: quantas vezes já
atraçoaste a metade?

«Entretanto, nem madame Silva
— que conhece as tuas infidelida-
des por tradição — nem a causa
— que conhece o politico de gin-
geira — se lembram de assassinar
os traidores! Ora, porque has de
ser tu uma «honrosa excepção»?

O Silva, que me parecia ama-
chucado com o chorrilho de trai-
ções, ergueu a fronte carregada e,
fulminando-me com o olhar, rep-
licou:

—Historias, meu velho! Mesmo
despejando toda a filosofia que
sabes, despejarei a «F. N.» no vo-
lume do infame! Compreendes?

—Pois sim. Eu digo a ele.

—Ahn! — mujiu o Silva, chis-
pando. — Sabes quem é?

—Quem?

—«Ele»?!

—Que ideia! Isto é uma graça
popular...

—Pois fica-te com esta: tão de-
pressa o conheço, meter-lhe-ei
meia duzia de argumentos de pi-
stola na cabeça! Hei de conven-
cê-lo de que não sou como mui-
tos!...

E enquanto o Silva bufava pela
rua abaixo, limpei vagarosamente
o suor da testa e segui o caminho
inverso.

Quando me vi suficientemente
distanciado, monologuei *in peto*:

—Lá me esqueci de lhe dizer
que o «outro» era eu!...

Pois ontem, convenientemente
disfarçado, passeava eu na Baixa.
De subito ouvi um nome e senti
dois calafrios: o nome era o meu,
os calafrios eram do medo...

Afinal, apoiando-me naquela co-
ragem que uso desde pequenino,
preparava-me para fugir quando
fui abordado pelo Xisto. Este Xisto
é um camaradão e folgo bastante
com isso.

—Percebi logo que estás disfar-
çado — começou o cujo. — Mas que
diabo de piada é essa?

—E' o diabo, é — respondi —
mas um diabo sem piada alguma,
armado de pistola e idem de pés-
simas intenções...

—Muita graça, sim senhor! Mas
conta-me isso, homem!

Olhei em roda para descobrir
a graça e, não achando nenhuma,
desabafei:

—Conheces o Silva?

—Decerto!

—Pois — infelizmente! — tam-
bem eu! Até somos amigos: tanto
que, dizem, o ultimo filho dele —
é meu...

—Ah... ah!...

—... Mas isto são calumnias,
porque o filho é apenas meu.

—Ah!... ah!... ah!...

—Ora o Silva, que ainda não
sabe quem é o pai do seu... do
meu... do nesso filho, anda com
a pedra no sapato, a pistola no
bollo e as mais sinistras ideias na
mente, só para averiguar o caso...

—Bravo!

—Quem?

—Quero dizer: belo! E' das me-
lhores larachas!

—... Achas? Pois não sou da tua
nem da opinião dele! E, prevendo
a hipotese de que o Silva chegue
a identificar o pai de seu filho,
tratei de me disfarçar. Que tal?

—Optimo, meu caro, optimo!

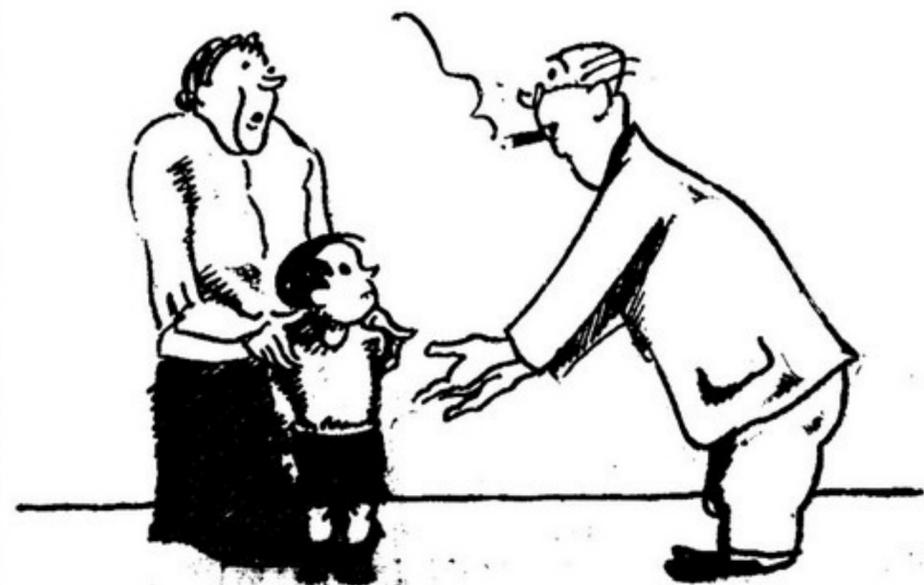
E o Xisto ria a bom rir, enquan-
to me apertava a mão e amigavel-
mente me batia no ombro...

Eu seguia, pasmado, a silhueta
do Xisto que, quasi á esquina,
continuava a rir. De repente, vol-
tou-se e vendo-me embasbacado:

—Olha! Esquecia-me dizer-te
que encontrei há pouco o Silva.
Enternecido com a sua desdita e
sabedor da historia — contei-lhe
tudo!...

E foi-se...

S. NEVES.



— Como quere V. Ex.ª que eu o admita? Já não exigia que
soubesse lêr, mas pelo menos... escrever!...

Noticias do dia

O conflito sino-japonês

Não ha guerra

TOQUIO, 1. — O Japão declarou
perentoriamente que não ha guer-
ra. Ontem, as tropas ocupantes da
Mandchuria bombardearam as po-
sições chinesas, tendo-as feito
desalojar. — (Aves).

Continua a não haver guerra

MUKDEN, 77. — A pedido, o Ja-
pão voltou a declarar que não ha
via guerra e voltou a bombardear
as posições chinesas. O Estado
Maior Militar Japonês fez identi-
cas declarações, o mesmo decla-
rando o Governo japonês. Con-
sta que os chineses também farão
as mesmas declarações. — (Espec-
cial).

Afinal não ha guerra

PEQUIM, 3. — Ficou ontem abso-
lutamente assente que não ha
guerra. Em vista disto, os japone-
ses resolveram bombardear a fron-
teira mandchú. — (United Press).

Uma nota dos chineses

CANTAO, 6. — Um dos varios
Governos da China enviou uma
nota de vinte *taeis* para socorrer
os chineses refugiados da região
mandchú. — (Aves).

A reunião secreta da Sociedade das Nações

GENEVA, 7. — Para apreciar o
conflito sino-japonês, reuniu-se
ontem o Conselho Secreto da So-
ciedade das Nações. A reunião foi
tão secreta que nem os proprios
membros sabem o que lá se tra-
tou. — (Especial).

Novo combate na Fronteira Mandchu

MUKDEN, 7. — Realizou-se on-
tem, conforme estava anunciado,
o combate entre as tropas japone-
sas de ocupação e o exercito do
general Tchim-Tchim-Pum, com a
colaboração da aviação japonesa.
No final do combate sobejaram
seis chineses. — (United Press).

Os mortos do conflito

TOQUIO, 71. — Ha já bastantes
mortos nas escaramuças entre
chineses e japoneses. Aos mortos
japoneses foi resolvido, pelo Go-
verno japonês, resar-lhes por al-
ma. — (Especial).

A Russia analisa de perto o conflito

MOSCOU, 2 1/2. — O Commissario
do Povo dos Estrangeiros junto do
Governo da União das Republi-
cas Sovieticas da Russia Verme-
lha Ocidental resolveu adquirir
dois bilhetes para que dois dos
seus observadores possam assistir
ao proximo combate entre chine-
ses e japoneses.

Um general chinês amigo dos japoneses

TOQUIO, 21. — O general chinês
Pi-fi-pu, que declarou ha dias es-
tar disposto a seguir a politica de
aproximação sino-japonesa, dada
a grande simpatia que tem pelo
Japão, foi nomeado chefe do Es-
tado Maior do Exercito chinês de
combate ao exercito japonês na
Mandchuria. — (United Press).

Não ha guerra

TOQUIO, 2. — O Japão voltou a
declarar que não ha guerra e que
nem ele mesmo quere a guerra.
Ninguém acreditou. — (Especial).

Sortes grandes

só o PINA em venda

75 — Rua de S. Paulo — 77

GRAFOLOGIA

UM MARINHENSE. — Tem um prazer infinito pela vida e considera-se completamente feliz se não fosse a preocupação constante do seu futuro. Tem ambições que não cabem no âmbito acanhado da sua terra. Gosta de viajar e esse prazer ser-lhe-ha dado gostá-lo dentro de pouco tempo. Gosta do foot-ball e de cuspir nos carros eléctricos. Pouco trabalhador e filho dum homem e de uma mulher e foi vacinado em pequeno. Usa cuecas brancas e dores de cabeça uma vez por outra. Come pouco e segue com atenção a marcha do conflito sino-japonês.

JOÃO PAPUDO. — Gosta da paçoca. Ama o fado a que vulgarmente se chama a canção nacional. Gosta do sumo da uva e apaixonou-se facilmente por todas as mulheres, mas não conquista nenhuma por ser tímido. Tem voz de barítono e não conhece de cor a *Luzitana*, o que é lamentável. Fica em véspera de partir uma ou duas pernas, ou mesmo mãos. Gosta todo o dinheiro que ganha. Deputado as teorias de Carl Marx mas não as conhece; é para discursar. Dorme de barriga para a esquerda e costuma lavar as mãos uma vez por outra.

PASSEBEM. — O seu carácter é um pouco difícil de conhecer em vista da sua carta virada numa letra tão bem feita e tão bem trabalhada que até parece feita numa máquina de escrever. No entanto, pela simples análise que se nos apresenta, dá-se a ver que a sua alma está limpa como a máquina de escrever. E recebe a máquina só com dois dedos e mesmo assim com erros de ortografia, o que não é culpa da máquina, apesar desta ser Remington. A sua inteligência é relativamente pouca com relação ao corpo e tem a mania de ser engraçado, o que já lhe tem causado alguns dislabores. Infelizmente não é coxo e, apesar de não ser culto, tem em casa um lavatório.

FERLIQUITETES. — Coração volúvel. Incapaz de amar alguém. É um pouco vaidoso. Gosta muito de ter namoradas e tem sempre mais do que uma. Tem o hábito de faltar às entrevistas marcadas, alegando sempre uma desculpa tola. Nunca pensou em casar, apesar de prometer isso a todas. Gaba-se dos namoros que arranja. No entanto, finge-se sempre ciumento, para dar um cunho de sinceridade às suas falas meigas e hipocríticas de amor. Tem a preocupação da originalidade, não passando de uma pessoa vulgar.

HOMEM SAUVAVEL. — É com certeza cego dum olho. Usa sapatos amarelos e tem dois dentes podres e um chumbado. Come pouco e bebe muito. Tem duas cirroses no estômago e sofre de apendicite. Sofre de insónias e tem vários calos distribuídos simetricamente pelos vários dedos dos pés. Tem um joelho de água e a barba nas mesmas condições, onde está armazenada a água que sobra dos joelhos, por não caber lá.

MADAME HARVY.

Continuamos a receber na nossa redacção cartas enviadas a Madame Harvy, directora da secção de grafologia. Aos que nos escrevem, devemos declarar que não se impacientem, porque o espaço é pouco e a correspondência é muita, mas a todos Madame Harvy irá dando resposta pela ordem de chegada.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75. — Rua de S. Paulo — 77



— Isso é que é proteger a industria Nacional! Feias de fio de Escocia, fumo de tabaco francez, sapatos inglezos, e tomando o belo moká!

— Pois sim filho isto é tudo estrangeiro... nó nome!

DESSPORTOS

Cenaz des encontros nortenãos

No final do jogo inter-promoções de Lisboa e Porto, Araújo Correia, árbitro do encontro, falou ao publico pelo alto falante.

Dis as suas principais declarações, que merecem interesse nas nossas colunas pelo que denotam de desportivismo:

— Resulto — quando o Porto me fez derrota! — que o resultado jôse a favor do Porto por dois «goals» contra um.

É certo que a gente do norte só fez um «goal». Mas não é menos certo também que as Regras do Association me conferem poderes no sentido de modificar o resultado dos encontros. Tomei, portanto, e não me encontro arrependido, a sensata resolução de eleger para dois o numero de «goals» marcados pelos da *Luzitana Cidadã*.

Que importa que o segundo «goal» por mim legalizado resultasse dum «offside» mais claro que a agua clara dos rios? — Que importa?

Entendo — e ninguém será capaz de me convencer do contrario — tornar-se absolutamente necessario que os arbitros nortenãos mostrem aos seus colegas lisboetas que são tão capazes como eles de prejudicar um «team» visitante.

Quero mostrar ao jornal «A Montanha» e a todos em geral que também ha alguém que sabe beneficiar cá os da terra...

De ora ávante, o Porto inteiro fica sabendo quem é o arbitro que reúne as «condições necessarias»

para dirigir os encontros deste genero.

Esses arbitros, são Eu, Marcelo por esse meu trabalho de descredito para os arbitros do Porto (mas care que é que serve o prestigio dos arbitros?) uma estatua, muito alta, muito grande e muito cara, etc... E tenho dito.

Esta longa e erudita arenga do juiz portuense, gloria do Colegio dos Arbitros do Porto, foi escutada com interesse e no meio de silencio religioso por todos os assistentes. A oracao, cortada de quando em quando por calorosos aporados, foi vivamente aplaudida no final.

O encontro principal dos grupos representativos de Lisboa e Porto — que terminou também com o mesmo resultado de 2 goals a 1 — foi dirigido pelo arbitro Eloi da Silva.

Depois do jogo acabar, os capitains Joaquim Almeida e Waldemar Mota, falando para os jornalistas, deram as suas impressões, ainda que rapidamente, sobre o andamento do jogo e o seu resultado, não se tendo esquecido de se referir ao trabalho do juiz de campo.

Fala Waldemar: — «A arbitragem má, absolutamente má. O «penalty» injusto.»

Diz Almeida: — «A arbitragem péssima, absolutamente péssima!»

Nalguma coisa, os dois capitains, tanto o do Porto como o de Lisboa, haviam de concordar!

JONICA



— Calcula tu que ontem um tipo pagou-me com um cheque sem cobertura! E fez-me falta, pois o dinheiro era para comprar um bom cobertor...

Bôdas de Prata

(Quadro à la minute)

(A acção passa-se na «gare» da estação do Rossio. Sai do comboio um casal que andou em viagem pelo país, comemorando as bodas de prata).

MARIA FELISBERTA (que também se encontra na «gare», dirigindo-se ao casal): — Oh! D. Genuveva!... Como vai?... E o sr. Anastacio vai bem?... (Depois dos cumprimentos do estilo). Foram então viajar?...

ANASTACIO: — Sim, minha senhora.

GENOVEVA (atalhando): — Foi para comemorar as bodas de prata!

FELISBERTA: — Casades ha 25 anos! Bemta conta! Também tenho esperanças de lá chegar! Tanto mais que meu marido gosta imenso de mim! É um verdadeiro romântico! Sempre que fala comigo tem os olhos em mim...

ANASTACIO: — Pois nos fomos recordar a nossa viagem de nupcias...

GENOVEVA: — Exacto, foi a Cascaes, em Chaves e depois até Lisboa.

FELISBERTA: — Viajamos de norte para sul. Andaram no contrario...

GENOVEVA: — Meu marido quiz começar por Traz-os-Montes... Era lá um capicho dele e eu deixei...

FELISBERTA: — E que tal?

ANASTACIO: — Oh! Sublime! O país é lindo todo elle... O Minho, o Douro...

FELISBERTA: — ... a Lousa Alta, a Beira Baixa...

GENOVEVA: — Oh! Traz-me da minha viagem de nupcias uma deliciosa sensação!

FELISBERTA: — Que recordação foi essa?

GENOVEVA: — Uma bello que meu marido me deu nas Peleiras!

FELISBERTA: — Sim? Deveria ter sido delicioso!

ANASTACIO: — Oh! Se v. ex. visse a paisagem que se disfruta! Não se resiste a amar!

FELISBERTA: — Foram a Coimbra?

ANASTACIO: — E ao Bussaco.

FELISBERTA: — Ah! Então viram a mata.

GENOVEVA: — Vi, vi...

FELISBERTA: — E gestou?

GENOVEVA: — Meu marido já me tinha mostrado em solteira!

FELISBERTA: — E agora vem passar as bodas de prata a Lisboa?

GENOVEVA: — Não; vamos passá-las a uma quinta que temos entre Pernes e Santarém!...

CARLOS FERNANDES.

Razão de pêso

De uma fealdade que em nada abecava as habilidades dos respectivos papas (talvez falta de pratica, visto ser primogenita) era Engracia, a mais desengaçada das sopas no activo da classe.

Ora, certa manhã em que, como de costume, andava em peregrinação pelas lojas do bairro, na aquisição de comestiveis, succedeu-lhe concentrar o Silvino, moço bem falante, sempre de galanteio na ponta da lingua, e que ao cruzar-se com ela, lhe ciciou, sem reparar bem no que fazia:

— Carinha mais linda nunca meus olhos viram!

Lisongeada pelo inesperado madrigal, voltou-se Engracia e, acompanhando uma careta horrivel que talvez julgasse um amoroso sorriso, murmurou:

— Muito obrigada, mas eu tenho espejo!

— Tem razão, tem! — balbuciou o Silvino, atarantado com a sua obra. — Mas é que o seu espejo reflecte, e eu... falei sem reflectir...

POLICARPO.

ECOS DA SEMANA

BREVEMENTE FORNECIMENTO DE LEITE DE MULHER AO DOMICILIO



E BARRADINHAS ... MAS METEU O PINCEL EM AFRICA E ABRIU A JANELA A PINTURA NEGRA ...



FOI VERDADEIRAMENTE POLAR O DESAFIO DE POLO SENDO PRECISO PULAR PARA NÃO GELAR...



UM WALTER NADA LITTLE QUE DEIXOU, NO TIVOLI, OS FURIOSOS DO TECLADO ... DE LADO



POBRE NUNO ALVARES METIDO NUM QUARTEL DE METRALHADORAS... E VÁ LÁ NÃO TER IDO PARAR A AMEIXOEIRA !!!



"PARECEMAL" PORTUGA: LACIO DA JUSTICA ... E

TER SÓ UM PALACIO DA JUSTICA... E UMA MISERIA...

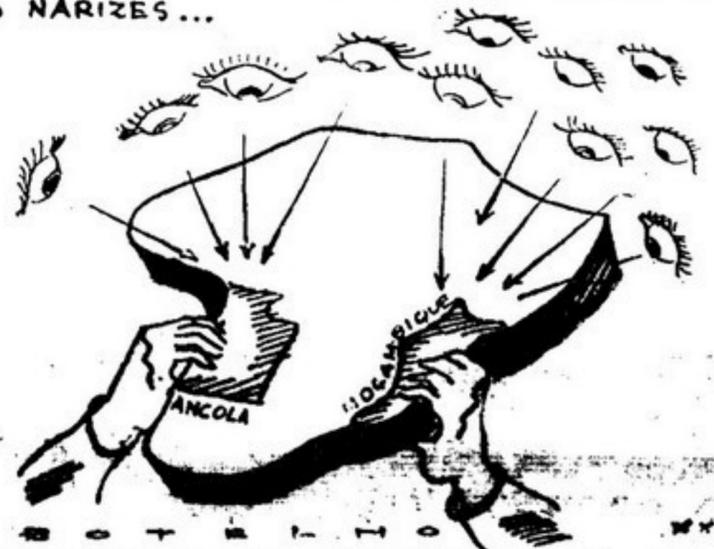


ASPECTO DUM CORNUPEDE ANGULAR DOS QUE VEEM PARA SE ENGULIR MAS QUE SÃO DUROS COMO UM CORNUPEDE...



= ECOS DA EXPOSICAO COLONIAL =

ENA TANTOS OLHOS!! O PIOR É SE METEM OS NARIZES...



B O T E L I N O M X V I